



**Pedro Nuno Santos** Secretário de Estado dos Assuntos Parlamentares

# “A maioria esmagadora do PS” quer aliança com esquerdas

Texto **ADRIANO NOBRE** e **HELENA PEREIRA**  
Fotos **ANTÓNIO PEDRO FERREIRA**

É o rosto da ala mais à esquerda e elemento central do Governo na articulação com PS, BE, PCP e PEV. Falou com o Expresso no seu gabinete de secretário de Estado dos Assuntos Parlamentares, na Assembleia da República, decorado com fotos do momento da votação dos dois primeiros orçamentos aprovado por esta maioria de esquerda. Do terceiro, falta só pôr a foto na moldura. O quarto ainda não tem foto, mas está convicto de que ela acontecerá. Em vésperas do congresso do PS, marcado para maio, reitera ser contra um eventual Bloco Central e deseja que “esta solução se mantenha”. Mas só deixa uma certeza: mesmo que o Governo negocie alguns dossiês com o PSD até 2019, “aquilo que está acordado com o PCP, o BE e o PEV em nenhum momento será colocado em causa”.

Como viu as declarações de Rui Rio a dizer que viabilizaria um governo minoritário do PS e as de Manuela Ferreira Leite a dizer que se fosse preciso o PSD deveria vender a alma ao diabo para afastar BE e PCP do poder?

A direção do PSD é livre de defender o que acha que deve ser a sua política de alianças. A minha posição é muito clara e a escolha da política de alianças é também programática. Por isso, na minha opinião pessoal, nunca deve ser feita com a direita. Porque é positivo para a democracia e para a própria autonomia política do PS.

Disse na Renascença que não estava disponível para um futuro Governo após 2019 com o apoio do PSD. Já teve essa conversa com António Costa?

Toda a gente o sabe no país, portanto toda a gente o sabe no PS. Desde há muitos anos que a minha posição é clara. Não há um milímetro de hesitação da minha parte, mas isso sou eu.

Essa hipótese fraturava o PS?

A maioria esmagadora do PS está muito satisfeita com este resultado e com a solução de Governo que temos. Não tenho a menor dúvida sobre isso. Posso dizer mais: só tivemos uma experiência de Bloco Central em Portugal e durou pouco mais de ano e meio. Verdaderamente precária e frágil foi essa solução governativa.

Esta solução de Governo arregimentou mais apoiantes do que estava à espera?

Da experiência que tenho — e nasci e cresci no PS —, as bases do partido sempre desejaram que o PS procurasse entendimentos à esquerda. En-

quanto dirigente do PS, quero que o PS tenha o melhor resultado possível e que esta solução se mantenha, que as duas coisas sejam conjugadas.

Sentiu-se aliviado com a declaração de António Costa a esclarecer que não haveria Bloco Central com o PSD?

Não, porque trabalho com o PM todos os dias e sei qual é o seu pensamento sobre esta solução de Governo e o entendimento que temos com os nossos parceiros. Agora, acho que foi uma declaração importante, num momento em que havia alguma especulação. Deixou claro que há um caminho de sucesso iniciado há dois anos e que não será alterado, com os parceiros com quem o tem feito.

Não há perigo de zigzagagem, com o PS numa legislatura virar à esquerda e numa futura virar à direita?

É uma boa questão, mas que não se coloca neste momento. Ainda falta um ano e meio. A única declaração que nós temos sobre isso é do primeiro-ministro, quando disse que mesmo com maioria absoluta gostava que esta solução pudesse continuar. A minha posição

é pessoal e pública, assumida e clara: a política de alianças do PS deve ser com os partidos à sua esquerda. Mas não podem partir da minha posição pessoal para aquilo que é a posição do PS, que não é determinada por mim.

Não sentiu o BE e o PCP mais inquietos com esta nova liderança do PSD?

Não há nenhuma razão para isso. O nosso trabalho continua com boa harmonia e com a convicção de que é para levar a legislatura até ao fim, com este caminho de sucessos evidentes para o povo português.

Mas já foram sinalizadas algumas portas para entendimentos com o PSD. Descentralização, fundos comunitários... O Governo mantém-se com um pé na esquerda, mas obrigado a chegar a acordos com a direita...

... não é ‘obrigado’. Há sempre muita confusão entre o que é governar com a maioria que temos e fazer pontualmente compromissos com outros partidos. Aliás, em dois momentos, eu disse duas coisas que foram usadas por alguns como contraditórias. Disse que o PS não precisaria mais do PSD para governar, porque esta solução provava que é possível governar de outra forma. E disse, posteriormente, que não deixaríamos de procurar o PSD ou o CDS para entendimentos nalgumas matérias.

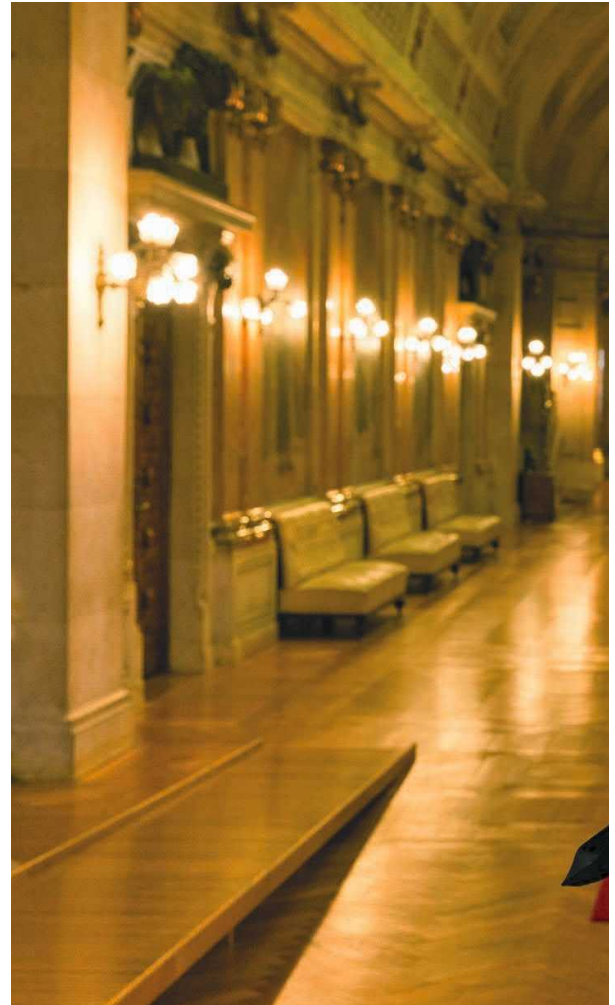
E não há aí incoerência?

Não. Nós temos uma maioria parlamentar com um caminho muito claro. Mas há várias matérias que nunca impediram nenhum dos partidos que compõem essa maioria, no quadro da sua autonomia, de votarem de forma diferente entre si. Quando dizemos que se deve procurar um compromisso com o PSD na descentralização é por estarmos na presença da segunda maior força autárquica do país. O PSD não pode ser ignorado numa reforma com esta importância para as autarquias.

Este quadro de geometria variável, aprovando coisas à esquerda e outras à direita, não tem riscos?

Nós tínhamos um Parlamento que era quase uma mera extensão dos governos. E isso era mau para a democracia. O CDS quando integra as coligações com o PSD anula-se e exprime a sua autonomia com fugas jornalísticas. Hoje vivemos com um acordo entre quatro partidos, em que nenhum perdeu a sua autonomia nem se anulou com ela. É como funcionam quase todas as democracias parlamentares na Europa. Só não era assim em Portugal.

Mas não parece um casamento entre PS, PCP e BE, e em que o PS, ao negociar coisas com outros partidos, está a trair o seu parceiro?



Só se traíssemos os nossos acordos. E em nenhum momento faremos isso: aquilo que está acordado com o PCP, o BE e o PEV em nenhum momento será colocado em causa. Nunca.

Mas o facto de precisarem mais agora do PSD para dossiês como a descentralização não é também um sinal de esgotamento dos acordos?

Os acordos não estão esgotados. As posições conjuntas têm medidas muito concretas e depois têm medidas mais gerais que norteiam a política que temos de seguir até ao fim. E temos chegado a compromisso sobre matérias que não estavam nas posições conjuntas. O exemplo maior é o aumento extraordinário de pensões. Mas esta maioria entendeu-se nas matérias mais importantes de governação para a vida concreta das pessoas: as pensões, os salários, os rendimentos, o sistema fiscal, a defesa

dos serviços universais públicos e tendencialmente gratuitos... Alguns dizem que esta solução de Governo não permite fazer as reformas e que elas só podem ser feitas com o PSD. Mas a ideia subjacente a essas reformas é privatizar, liberalizar, desregular, privatizar parcialmente a Segurança Social... Nós estamos a fazer uma reforma importante da Segurança Social, que é diversificar as fontes de financiamento. Já temos duas novas fontes: o adicional do IMI e agora parte da derrama de IRC. É uma reforma. Mas não é a reforma que faria a direita.

Acha que será difícil fazer grandes reformas estruturais com o PSD?

O que eu estou a dizer é que há matérias, como a descentralização e áreas de soberania, que devem ter um compromisso com o PSD.

Quais?



❑ Não quero especificar nenhuma em concreto. Mas a política externa, a política de defesa, a política de justiça são matérias que devem ter um compromisso o mais alargado possível. Eu tenho o cuidado de usar a palavra compromisso para distinguir de consenso. Porque há um certo discurso na sociedade política portuguesa sobre a necessidade de consensos quase que numa perspectiva de anulação do debate e conflito parlamentar. Os consensos não devem ser impostos. É importante haver projetos de sociedade distintos, que permitam um debate com escolhas claras. Nunca fui um adepto de blocos centrais, que obviamente tendem a anular esta dialética política.

❑ Por causa do Bloco Central de interesses?

❑ Não por essas questões subjacentes na pergunta, mas porque acho negativo para a democracia que tenhamos um Governo com um apoio parlamentar superior a 70%. E temos alguns exemplos na Europa que soluções dessas abriram a porta ao crescimento da extrema-direita.

❑ Seguiu a campanha do PSD?

❑ Segui bem e todos constatámos que falamos muito em reformas mas não conseguimos apresentar uma única.

❑ Rio defendeu uma reforma para as pensões.

❑ Mas eu não sei o que é aquilo. Quer dizer que elas baixam quando o ciclo económico abrandar? É importante que concretize. O PS é completamente contra o corte de pensões a pagamento.

❑ O debate foi pouco esclarecedor?

❑ Não foi sobre o país. Foi sobre o PSD, o passado e o passado de cada um. É uma pena. No essencial, em matéria orçamental, não há nenhuma diferença entre Rui Rio e a política anterior. Chegou a elogiar o trabalho de Maria Luís Albuquerque e disse que teria ido mais além. Defendeu o défice zero.

❑ O BE entende que a continuação desta solução é incompatível com uma não-reestruturação da dívida. Esse tipo de pedras inamovíveis...

❑ ... eu seria mais cauteloso sobre as leituras sobre o que cada um de nós vai dizendo sobre o futuro.

❑ Na semana passada houve pela primeira vez uma reunião conjunta entre PS, PCP, PEV e BE em torno de um projeto de lei, a transmissão de estabelecimento. É o prenúncio de alguma coisa?

❑ Espero bem que sim. Era positivo. Foi muito mais fácil chegar a um texto comum assim do que estar a ser feito de forma bilateral. Tenho muito mais trabalho por ter de fazer reuniões com o PS, o PCP, o BE em separado. Essa reunião foi histórica mas não posso ficar com os louros disso. Foi da deputada Vanda Guimarães. Liguei-lhe a dar-lhe os parabéns.

❑ Faz dois anos que Marcelo Rebelo de Sousa foi eleito. Que avaliação faz desse mandato? O PS deve apoiar a sua recandidatura?

❑ Fiz desde o início uma avaliação muito positiva. Trouxe um ganho muito importante para a nossa democracia que passa pela reconciliação do povo português com o poder político. É um PR de quem o povo gosta genuinamente. É uma vitória não só para ele, mas para a nossa democracia. Tem sido uma das personalidades promotoras da estabilidade política que nós hoje vivemos. Sobre o futuro, não direi nada sobre isso. O momento não é agora.

❑ Nas últimas presidenciais foi a favor de o PS não ter apoiado oficialmente nenhum candidato?

❑ Não apoiámos?

❑ Não. Oficialmente, o PS não declarou o apoio a ninguém, nem a Sampaio da Nóvoa.

❑ Não quero estar aqui a discutir mas acho que, em tese, o PS deve apoiar um candidato à Presidência da República.

## Transparência "não é populismo"

O tema está a gerar divisões dentro da própria bancada parlamentar socialista, entre apelos ao aumento de transparência no exercício da atividade dos deputados e críticas sobre cedências ao populismo. O pacote de diplomas do PS para reforçar a transparência na Assembleia da República não teve qualquer intervenção do Governo, mas Pedro Nuno Santos não se coíbe de dar a sua opinião pessoal. "Vejo as iniciativas do grupo parlamentar do PS de uma forma muito favorável", diz.

E não há uma cedência ao populismo quando se apertam as malhas sobre a conduta de deputados que já têm obrigações legais? "Não. É ir ao encontro de preocupações populares. Se quiser chamar populismo... acho que os representantes políticos devem ir ao encontro das preocupações populares com uma grande abrangência na nossa sociedade", contrapõe, sublinhando que estas "não são preocupações inventadas" pelo PS. "O Governo e o PS acompanham as exigências do tempo", diz. Já outro diploma polémico da bancada socialista, sobre o alojamento local, teve abordagem diferente de Pedro Nuno Santos. "Não quero dar a minha opinião pessoal sobre esse tema. A minha posição é conhecida no Governo e no grupo parlamentar. Vamos deixar o Parlamento seguir o seu caminho. Tanto o PS como PCP e BE têm as suas iniciativas", disse, garantindo que a sua não-pronúncia não se relaciona com eventuais conflitos de interesses. "Não tenho. Só sou dono da casa em que vivo", conclui.



## HOJEGRÁTIS

VOLUME 2 AFONSO CRUZ & JOÃO TORDO

EXPRESSO.PT/INEDITOS

**idealista**

A app para procurar casa em Portugal

# Expresso

Fundador: Francisco Pinto Balsemão

45 ANOS

27 de janeiro de 2018  
2361 • €3,50

Director: Pedro Santos Guerreiro  
Director Executivo: Martim Silva  
Directores-Adjuntos: João Vieira Pereira e Miguel Cadete  
Director de Arte: Marco Grieco

www.expresso.pt

**24h**

Não perca o Expresso Diário

**E** Expresso DIÁRIO

Use o código que está na capa da Revista E para ler o Expresso Diário de segunda a sábado no seu smartphone, tablet ou computador sem pagar mais por isso.

**Guterres “contra a normalização do ódio”**

A propósito do Dia Internacional em Memória das Vítimas do Ódio, que hoje se celebra, o secretário-geral da ONU defende que a resistência contra o racismo e a violência é uma responsabilidade de todos. “Através da educação e do entendimento, podemos construir um futuro de dignidade, de direitos humanos e uma coexistência pacífica para todos” diz, lembrando os seis milhões de judeus que morreram no Holocausto.

**Ramalho Eanes em entrevista**

A Revista do Expresso dá continuação ao plano de entrevistas aos antigos Presidentes de Portugal ao publicar, na próxima edição e no âmbito da celebração do 45º aniversário deste jornal, uma entrevista a Ramalho Eanes, chefe de Estado entre julho de 1976 e março de 1986.

**SIC suspende “Supernanny”**

O próximo episódio de “Supernanny” já não vai para o ar. O tribunal só permitiu a emissão recorrendo a filtros, o que tecnicamente torna inviável a sua divulgação no domingo, como consta na grelha do canal. MP quer mesmo proibir emissão do programa.

Integram esta edição semanal, além deste corpo principal, os seguintes cadernos: ECONOMIA, REVISTA E e ainda ESPECIAL FERTILIDADE

## PJ investiga plano do Benfica para dominar futebol nacional

➔ Ministério Público e Judiciária concentram num processo os **três casos de suspeitas de corrupção desportiva** passiva e ativa ➔ Benfica quer que investigação decorra com rigor e celeridade ➔ **Jogos suspeitos** juntam-se a **e-mails** e a **vouchers** P3

**OS SALÁRIOS QUE MAIS SOBEM EM PORTUGAL**

Ordenado dos chefes de cozinha praticamente duplicou desde 2008. Saiba quais as profissões que valem mais

Os cozinheiros estão na moda e fazem-se pagar bem. É a profissão cujo salário mais cresceu na última década, de acordo com o ranking construído a partir de dados da consultora Hays. Programadores web estão na segunda posição. €30

**PSD Rio questiona localização da Google em Lisboa**

**CONGRESSO** Comissário Europeu Carlos Moedas e antigo secretário de Estado Pedro Duarte vão apresentar moção conjunta ao congresso P12

**MADEIRA** PS avança com candidatura de Paulo Cafó e ameaça domínio de 40 anos do PSD na região P14

**REVISTA** Marina Costa Lobo escreve sobre o rumo que o novo líder laranja terá de encontrar para contrariar Costa R28

**O QUE VAI MUDAR NAS NOSSAS VIDAS**

Temperaturas em Portugal podem subir seis graus no verão P20

Alterar a cor do papel das receitas médicas pode mudar hábitos dos doentes. Saiba como P25

É já a seguir: 5G, carros a hidrogénio, condução autónoma e helitáxis R44



**Durão, Portas, Arnaut e Relvas fazem lóbi por Angola**

OPERAÇÃO FIZZ Empresários portugueses com relevância em Angola estão a ser incentivados ao mais alto nível (as presidências das repúblicas) para organizar um encontro com parceiros angolanos presentes em Portugal para reforçar a necessidade e urgência de normalizar os canais entre os dois países. Portugal está de mão atada para julgar Manuel Vicente, e a proposta da PGR angolana não deverá mudar posição da Justiça portuguesa. FOTO LAURENT GILLIERON/EPA P4

**PEDRO NUNO SANTOS**

### Bloco Central poria em causa “autonomia do PS”

Em entrevista, secretário de Estado dos Assuntos Parlamentares marca posição sobre **estratégia futura do PS** P8

Há sinais de trânsito nas estradas sem valor legal

É o caso do lince ibérico e das novas zonas de coexistência. Regulamento está atrasado 4 anos P22

**Philip Roth: “Trump é uma fraude maciça”** R56